







# CURÁVEL

SOPHIE SANTOS

**Título Original:** Curável

**Autora:** Sophie Santos

Copyright © Editora Nova Geração & Sophie Santos

**Coordenação Editorial:** Tânia Roberto

**Edição:** Tânia Roberto

**Revisão:** Catarina Neves e Rosalina Marques

**Paginação:** Tânia Roberto

**Capa:** Larisa Logofatu & Aléxia Oliveira

**1ª Edição:** junho de 2026

**Acabamento/Impressão:** NPrint

© 2026

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem prévia autorização.

Este livro contém conteúdo para adultos.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens ou acontecimentos são fruto da imaginação da autora ou usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência.

[Instagram.com/editoranovageracao](https://www.instagram.com/editoranovageracao)

[Facebook.com/editoranovageracao](https://www.facebook.com/editoranovageracao)

**Depósito Legal:**

**ISBN:** 978-989-3625-26-2

editora  
**nova  
ger** 



Para todos os românticos incuráveis que tiveram as suas esperanças de amor verdadeiro destruídas. Que esta história vos cure.

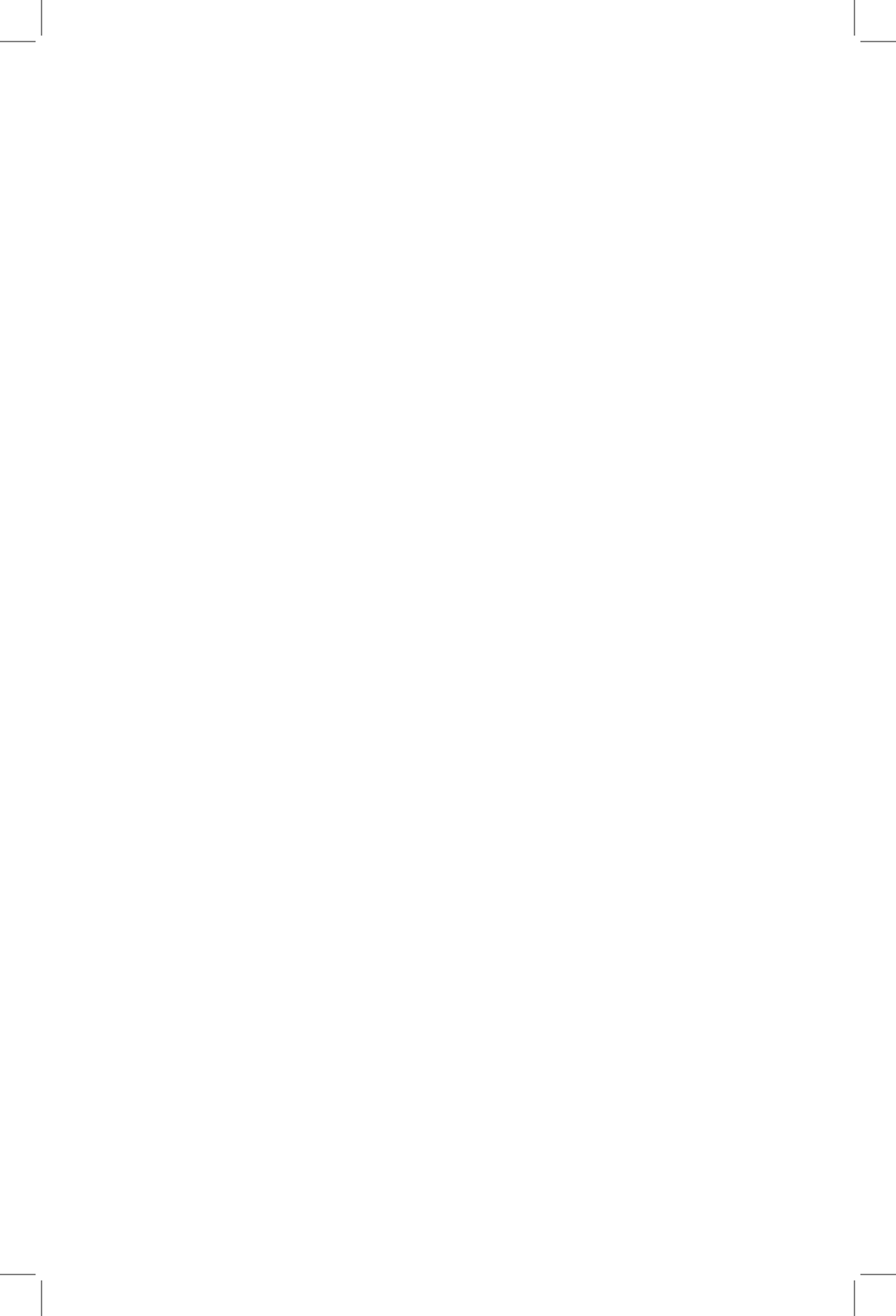


## **Nota de Autora**

Ao longo do livro, os sítios que foram mencionados são todos fictícios, assim como as empresas e os devidos nomes foram criados por mim. Nenhum deles é real (com exceção das cidades e das universidades mencionadas). Este livro contém conteúdo sexual explícito e menção a aborto (antes das 10 semanas). Pensa sempre na tua saúde mental primeiro.

## **Avisos de Gatilho**

Sexo Explícito  
Aborto



## Playlist

VOILÀ - Figure You Out  
Elvis Presley - Can't Help Falling In Love  
Michael Bublé - Feeling Good  
Chase Atlantic - The Walls  
Austin Giorgio - Dangerous Hands  
Chandler Leighton - When You Say My Name  
Stephen Sanchez - High  
Chase Atlantic - Vibes  
Sabrina Carpenter - because i liked a boy  
Steven Rodriguez - No Diggity  
Jade LeMac - Constellations  
Harry Styles - Love Of My Life  
Ariana Grande - the boy is mine  
Why Don't We - Fallin'  
Steven Rodriguez - Like You Mean It  
Benson Boone - Slow It Down  
Ariana Grande - God is a woman  
Chase Atlantic - Paradise  
VOILÀ - Long Story Short  
Ariana Grande - imperfect for you  
VOILÀ - Nothing (stripped)  
Benson Boone - Beautiful Things  
Bruno Mars - Talking To The Moon  
Gesaffelstein, The Weeknd - Lost in the Fire  
Azee - Fahrenheit  
Papa Roach - Even If It Kills Me  
Benson Boone - In The Stars  
Ruth B. - Dandelions





## Prólogo

*Oito anos antes*

**UM GRITO** de satisfação explodiu nos lábios de Alice.

Estreitou o livro com os dedos e aproximou-o da cara enquanto lia o reencontro entre o seu casal preferido. As pernas morenas abanaram de excitação e virou-se na cama ao terminar o romance. O som do livro a fechar preencheu as amplas paredes do escritório, em conjunto com um suspiro de agrado da adolescente de doze anos. Levou-o ao peito e um novo sorriso emergiu.

Adorava romances, aliás, considerava-se uma romântica incurável. As amigas diziam sempre que se ia desiludir na vida real, pois não encontraria alguém como na ficção. Mas isso não baixava as suas expectativas. Preferia esperar; um dia teria o que procurava.

Tinha noção de que aquelas expectativas tornavam o coração sensível, cheio de projeções, fazendo-a esperar atitudes tão românticas quanto as que lia. No entanto, ao ver como os namorados (se é que podia considerar tal coisa) preferiam ir jogar à bola, estar com os amigos, ao invés de ficarem com ela e ouvirem o que gostava de fazer nos tempos livres, as histórias dos pais ou das páginas escritas pelos seus autores preferidos... Tornava tudo efêmero. Acabou por deixar os adolescentes de lado, não eram o que procurava. Nem as próprias amigas entendiam aquelas frustrações românticas.

Como se ela fosse bem mais crescida e madura do que eles.

Na realidade, desejava um romance como o dos pais. Aquele amor arrebatador à primeira vista. Alice era fruto de uma conexão imensa entre duas pessoas que projetaram o seu futuro poucos meses após se conhecerem. Estavam casados há quinze anos e a filha conseguia ver aquele brilho especial, os sorrisos abertos, as valsas no meio da sala, a troca de afetos constante, e tantos outros detalhes, em todos os movimentos. O pai fazia a maior parte das tarefas em casa. Era um cozinheiro

e um engenheiro que orquestrava projetos enormes. A mãe era analista e trabalhava numa clínica sem grandes preocupações. Tinham uma vida confortável e cheia de ternura. Alice adorava ouvir as histórias detalhadas dos tempos de faculdade, das viagens de país em país durante as férias, só para estarem juntos.

Levantou-se do sofá fofo e espreitou para a pequena tela que secava no cavalete, disposto no meio do escritório. Desenhou a cena que acabara de ler, aquela em que as duas personagens estavam em cima de um edifício colossal sobre Florença, procurando perceber os sentimentos que nutriam um pelo outro — era a preferida de Alice. Apesar disso, substituiu as personagens pela sua silhueta e a do rapaz ideal: mais velho, alto, moreno e musculado. Detalhou alguns pormenores, como o nariz esculpido e as sombras provocadas pela Lua a brilhar sobre eles. Estavam de costas, sentados num telhado e, por isso, o rosto oculto. Apenas o cabelo castanho de Alice esvoaçava ao ritmo do vento noturno.

De repente, um barulho ecoou pelas paredes. Algo oco e pesado parecia ter caído.

O coração de Alice descompassou. Atirou o livro para o sofá, ajeitou o telemóvel no bolso traseiro das calças de ganga e apressou-se a descer as escadas. Assim que dobrou a esquina da cozinha, nada mais conseguiu raciocinar para além da mãe tombada na cozinha. O corpo deitado, os cabelos castanhos sobre a cara, a mão estendida com os cacos do prato espetados na pele e o sangue a escorrer pelo chão branco. O medo entranhou-se em cada célula de Alice. Correu até os joelhos caírem ao pé da mãe, sem se preocupar com os fragmentos afiados que rasgavam a pele descoberta.

— Mãe?! — gritou e estendeu as mãos que tanto tremiam.

Abanou o corpo caído. Nada.

Ofegou e levantou a cabeça, à procura de uma resposta no espaço em volta, já pouco iluminado pelo dia que terminava. Avistou o telemóvel, caído e com o ecrã rachado. Provavelmente quando Alice se ajoelhou. O ecrã iluminou-se com uma notificação, surgindo, em conjunto, a foto com os pais. Foi então que se lembrou de avisar o pai. Agarrou no aparelho, ligando-lhe uma e outra vez, mas nenhuma das chamadas foi atendida. As lágrimas corriam livremente pelas bochechas de Alice, encontrando na boca o sabor salgado.

O que podia fazer? O que teria feito a mãe desmaiar? Nada daquilo fazia sentido. Nunca a mãe tinha desmaiado antes.

Até que se lembrou das aulas, aquelas onde lhe diziam o que devia fazer durante situações daquele género: ligar para o número de emergência. Foi exatamente o que fez. Marcou, com os dedos trémulos, os três números. O coração batia com mais força, as lágrimas continuavam a cair.

A sua atitude podia ser crucial. O pai sempre lhe dissera que não podia mexer numa pessoa caída, então Alice ficou quieta, muito contra a sua vontade. Onde estaria ele? O pai atendia *sempre* o telemóvel, independentemente da circunstância. Espreitou o aparelho e viu a imagem dela e dos pais a sorrir, numa foto tirada à pressa, antes de embarcarem num cruzeiro. A barba castanha cobria todo o queixo e bigode do pai; a língua de fora e os olhos verdes revirados deformavam o rosto numa careta cómica. Alice acompanhava-o, mostrando os dentes como se fosse um monstro. A mãe só se ria das figuras deles. Sempre foi assim, o pai entrava logo nas brincadeiras da filha.

A campainha tocou poucos minutos depois. A casa foi invadida por várias pessoas vestidas de amarelo fluorescente, azul-escuro e outras cores que era incapaz de se lembrar. Esperou, pouco atenta, enquanto os profissionais faziam o seu trabalho e questionavam Alice.

— *O que é que aconteceu?*

— *Viu a sua mãe a cair?*

— *Sabe há quanto tempo ela está caída?*

Ela não tinha nenhuma resposta. A garganta fechou-se e as cordas vocais pararam. A única coisa que conseguia acompanhar era o corpo caído da mãe. Continuava sem se mexer.

Onde estaria o pai, agora que ela tanto precisava das suas palavras?



As urgências estavam repletas de médicos a correr de um lado para o outro, atropelando enfermeiros e auxiliares. Perguntaram a Alice várias vezes se precisava de alguma coisa e garantiam que a mãe iria acordar não tardava. Ela queria acreditar naquelas palavras, mas quanto mais tempo passava, mais as esperanças caíam.

Olhou para a sala pálida, principalmente, para a porta. Os enfermeiros tentaram descansá-la, garantindo que contactariam o pai, mas ele ainda não chegara. Sentia-se sozinha, *muito* sozinha, sem apoio e com a mente vazia de pensamentos que pudessem ser conotados como positivos. Queria o conforto do abraço dele, a presença que a acalmava.

As pernas da mãe mexeram-se e a filha virou a atenção para ela, aproximando-se da borda da cama. Os olhos castanhos surgiram por baixo das pálpebras pesadas e Alice deixou cair os ombros.

— Mãe? O que se passou? — Analisou o rosto, à espera de respostas.

— Querida... — A mãe esticou a mão até à bochecha da filha e a menina aconchegou-se. — Onde estamos?

— No hospital. — Fez uma pausa. — Tive de chamar a emergência e tentei também ligar ao pai, mas ele não me atendeu.

A mão da mãe escorregou, as lágrimas a cair incessantemente pelo rosto pálido. O brilho fugiu e nada de aliviante existia na forma como ofegava. Era como se, de repente, uma bolha de dor se tivesse erguido em volta da mãe.

— Alice, querida, preciso de te dizer uma coisa muito... *muito* difícil. — A voz fraquejou. — O teu pai... ele... teve um acidente de trabalho e... — As palavras perderam-se na respiração entrecortada.

— Está no hospital... *certo*? — perguntou, a medo.

— Não, meu amor... Ele...

*Não.*

Alice abanou a cabeça, os cantos da visão escureceram, mas o corpo dizia o que as palavras não conseguiam. As pernas tremeram com os passos dados atrás, tão pesados e densos.

— Ele morreu — disse a mãe, em surdina.

Havia algo de surreal no que ouviu, como se aquela realidade jamais fosse concebida. O pai não podia morrer. Era uma pessoa bondosa, única no mundo. Alice sabia-o. Contra factos não há argumentos. E a sua ausência era o pior dos cenários possíveis. Não foi por menos que a garganta se fechou, o oxigénio deixou de passar e continuava também ele a não aceitar aquela tragédia. O coração abrandou e o corpo caiu desamparado, tal como toda a vida daquela rapariga de doze anos.

*Não. Não.*

Era impossível acreditar no que acabara de ouvir. Parecia uma mentira. Tinha de ser. Ele iria, naquela noite, entrar pela porta, como acontecia todos os dias. O sorriso do pai e os melhores abraços do mundo teriam lugar em todos os dias da vida dela.

Como sempre fora.

— *Como estás, princesa? Trouxe-te este livro. Sabes que o Antoine tem os melhores conselhos.*

Abanou a cabeça, descrente. Levou os joelhos ao peito e enterrou a cabeça neles. O mundo desabou em lágrimas.

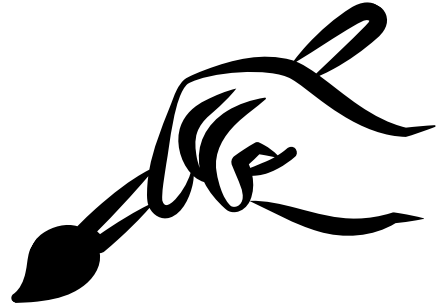
— *O amor é do tamanho do mundo. É o que dizem. Tu és o meu universo inteiro.*

Não podia ser verdade. Um mundo sem o pai, era vazio. Sem felicidade, sem amor ou idealizações futuras. Um buraco no peito, como se tudo o que acreditava até então fosse uma mentira, conjeturas criadas apenas na sua cabeça. Uma realidade que não era mais do que uma projeção da felicidade efêmera que vivia na sua casa, nunca um futuro.

Como podia acreditar que o bem existia naquele mundo? Como podia dar crédito àquelas ideias que lia nos livros, quando alguém como o pai já não tinha mais lugar ali? Quando os leitores descobrissem a verdade por detrás da ficção, perceberiam. Compreenderiam que o amor nunca podia ser descrito na mesma medida que se falava da perda de alguém que construiu o que Alice sempre considerou o seu mundo ideal.

Naquela noite, o coração dela fechou-se em copas. Um forte erguido para atenuar a dor daquela pequena criança indefesa, uma que nunca a abandonaria. A falta da presença que ela mais amava no mundo, nunca poderia ser substituída, muito menos tapada. A solidão tornou-se o abraço daquilo que jamais seria curado.





## 1ª PARTE

“I think that you are the one for me  
‘Cause it gets so hard to breathe  
When it gets so hard to breathe  
When you’re looking at me, I’ve  
never felt so alive and free  
When you’re looking at me, I’ve  
never felt so happy”  
“Dandelions”, Ruth B.







## CAPÍTULO I

### NOC NOC? ÉS TU, CORAÇÃO?

*Atualmente*

**ESTAVA** atrasada, para variar.

Os pequenos saltos ecoavam no passeio, enquanto Alice se apressava até à primeira aula. O maldito rapaz com quem passou as últimas noites não lhe dava descanso, tampouco a queria deixar ir. Ao início, sentiu atração para além da física, no entanto, ele não a largava. Queria combinar saídas todos os dias, ter sexo incansável e fazia questão de estar sempre, *sempre*, colado a ela. E Alice gostava de uma boa dose de carinho, mas, daquela vez, não existia o clique necessário.

*Se ao menos o sexo fosse assim tão bom!*

*Quantos orgasmos tive?*

Contava pelos dedos de uma mão, tendo em conta que nem os dez chegavam para enumerar as saídas que tinham tido. Sabia que a paciência começava a escapar quando inventava desculpas só para não estar com ele.

Estava farta. Precisava de acabar com aquela brincadeira de uma vez por todas.

Espreitou as horas no telemóvel e acelerou ainda mais o passo, fazendo o cabelo castanho esvoaçar em madeixas onduladas. Apertou o casaco branco contra si ao passar pelas sombras das enormes árvores, que se estendiam pela orla do passeio. Estava cada vez mais perto do portão de metal da universidade, pelo qual entravam muitos outros estudantes.

Ao longe, viu os caracóis castanhos de Oliver. Conversava com Sarah, uma colega da turma deles. Estava impaciente, como sempre, à sua espera. Alice sentiu o estômago a embrulhar-se com o nervosismo de ouvir, mais uma vez, os protestos dele.

— Desculpa! — Aproximou-se do melhor amigo, esbaforida.  
Sarah riu-se.

— Já não era sem tempo — resmungou Oliver. — Vamos, estamos para além de atrasados.

O rapaz não esperou uma resposta. Seguiu por entre a multidão.

— Espera, Oli! Dá-me tempo para respirar — pediu, passando a mão pelo peito.

Ele levantou uma sobrancelha, virando-se ligeiramente para ela.

— Qual é a desculpa de hoje?

— Chama-lhe o que quiseres. — Alice revirou os olhos ao conseguir alcançar o passo apressado de Oliver. — Trabalha numa *pizzaria*, tem mais ou menos um metro e setenta — ofegou, ainda a tentar recuperar da correria. — E...

— Ou seja, o mesmo de sempre — cortou Sarah.

Ela ajeitou a mala, a transbordar de papéis, debaixo do braço.

— O mesmo *chato* de sempre — corrigiu.

— Então, o que esperas para acabar com isso? — questionou Oliver.

Alice fitou-o e procurou respostas. Não encontrou nada. Começou a entrar numa espiral de culpa só porque receava magoar, mais uma vez, a pessoa com quem estava a sair.

Oliver sabia disso, já tinha presenciado outras situações semelhantes. Virou costas e caminhou até à sala de aula. Sarah agarrou a amiga pelo braço, seguindo pelo mesmo caminho.



Depois das aulas, Alice e Oliver andaram por entre o jardim, até se sentarem na relva, sob uma árvore, acompanhados de Sarah. O sol brilhava e refletia o espaço com os tons verdes das árvores e da relva. Apesar do frio de inverno, uma época que Alice detestava, tinha a vantagem daqueles dias lembrarem a primavera.

— Esta semana podemos, por favor, combinar um dia para nos reunirmos na biblioteca? Preciso de compreender o que raio acabámos de dar. — Sarah encostou a cabeça ao tronco. — Se isto sai no exame...

— Não tenhas dúvidas — adiantou Oliver, tirando uma sandes da mochila.

— Fico sempre descansada cada vez que abres a boca, Oli. Obrigada — ironizou Alice.

Sarah libertou uma gargalhada.

— Pelo menos não foi como no primeiro ano, quando disse abertamente que íamos todos chumbar a anatomia.

— Ainda não estou segura de que não volte a acontecer — bufou Alice.

Sentado do lado esquerdo da melhor amiga, Oliver deu-lhe um encontrão. Sarah esticou a mão por cima da cabeça de Alice e acertou nele, para o recriminar pelo ato. Ele riu-se e elas não conseguiram evitar seguir o seu ato. Contrariamente ao que era habitual, Sarah não defendeu muito a amiga, na verdade, estava distante, retida em pequenos sorrisos.

Alice aproximou-se com um sorriso rasgado.

— Ui, temos novidades? — provocou.

As bochechas de Sarah mudaram para um carmesim intenso.

— Hm... É que...

— Ela anda a sair com um rapaz. — Oliver piscou o olho.

— A sério?! — Alice agarrou nas mãos da amiga e aproximou-se, curiosa. — Conta-me *tudo*.

— Ainda é recente.

— Não me importa. Quero saber.

Sarah contou a primeira vez que se cruzou com o rapaz, numa noite em que foi sair com amigos. Acrescentou a forma interessada como ele a tratou e a beijou, algo diferente do que estava habituada. Saíam há pouco tempo, mas ela estava, sem dúvida, atraída, e via que ele também se empenhava. Conversavam todos os dias e avançavam a passos largos para uma futura relação mais séria. Não havia como negar aquelas borboletas na barriga, muito menos escondê-las ao falar do assunto.

Alice acompanhou as palavras da amiga, com inveja. Desejava também que entrasse alguém assim na sua vida. E, principalmente, que ficasse. Desiludia-se cada vez mais com os homens, não conseguiam ser o romântico incurável e, simultaneamente, agarrá-la como deve ser contra a parede. Ofereciam flores e chocolates, mas não prestavam atenção aos pequenos pormenores, nem faziam questão de conhecer a sua mãe. Se ela não tivesse atitude, eles acabavam por se desleixar. Tal como acontecia naquele momento. A sua companhia atual, Hugo, era um exemplo perfeito disso. As grandes conversas perdiam-se, apenas o físico reinava. Era bom, mas pouco impactante.

Mas nem sempre pensou daquela forma.

Durante anos, Alice negou qualquer tipo de sentimento. Se começava a gostar de algum rapaz, afastava-se, com medo do que o futuro reservava. No entanto, deixou-se levar uma única vez. E acabou sozinha. Não voltaria

a cair no erro de se entregar tanto assim a alguém. O desfecho seria sempre o mesmo. Aos doze anos, a tragédia fechou-lhe o coração e resumiu-o ao medo. Um deslize foi o suficiente para ter a certeza que estava certa.

Engoliu em seco e empurrou as memórias para o fundo da mente.

O toque do telemóvel sobressaltou-a. Uma videochamada com as melhores amigas surgiu no ecrã. Conhecia-as desde os quinze anos. Partilhavam tudo umas com as outras e, com o tempo, tornaram-se inseparáveis. Isabelle e Roseli espelhavam o verdadeiro amor na vida de Alice. Eram as irmãs que nunca teve, o apoio com que podia contar de olhos fechados.

Aquelas que ficaram.

Pediu licença ao grupo e resguardou-se para as traseiras do edifício, embrenhando-se numa conversa sobre a relação de Roseli. Gostava de ver a felicidade no rosto da amiga, mas o namorado tinha algumas atitudes que não lhe agradavam. Contudo, ela estava feliz. Era isso que importava.

— Sabes que te apoiamos sempre — suspirou Alice.

— Sim. — Isabelle lançou a longa trança pelo ombro. — E, caso seja preciso, não temos problemas em dar-lhe uma *palavrinha*.

— Obrigada, amigas. Não é preciso. É apenas uma fase.

Roseli forçou um sorriso. Alice viu a dúvida espelhada nela.

— Não pensas que escapas, Alice Pelletier. Ontem deixaste-nos a falar sozinhas e foste ter com o teu recente *mais que tudo*. — Apesar de não estarem frente a frente, Roseli decerto estava focadíssima em si.

Alice pigarreou.

— Estou a tentar elaborar um plano para o deixar.

— Estás mesmo? — questionou Isabelle, de sobranceira perfeitamente erguida.

Odiava quando a melhor amiga utilizava aquela tática.

— É um assunto para ser falado pessoalmente. — Lançou o cabelo para as costas. — Rosie, por favor, não te feches. Estaremos juntas em breve.

— Prometem? — murmurou ela.

— Prometemos — disseram as duas em unísono.

A chamada terminou com um sorriso débil no rosto de Roseli. Não estava cem por cento segura da forma como a amiga se despediu, mas teria tempo para a ouvir melhor. Contornou o edifício e enfiou o telemóvel no bolso traseiro das calças. Aproximou-se e sentou-se novamente junto do grupo, com um longo suspiro.

Oliver encarou-a, intrigado.

— A vida parece difícil por esses lados.

Quando o fitou, percebeu qual o tema esperado.

— Não era ele, desta vez. Eram as minhas melhores amigas.

— Vocês são unha com carne.

Alice assentiu.

— Sem dúvida.

— Então e o *dito cujo*? — Oliver pousou o braço no joelho. — O que é que vais fazer?

Ela revirou os olhos.

— Não sejas persistente.

— Não está mau, Ali. Um mês e meio juntos? — Riu-se, fazendo os olhos avelã ficarem mais pequenos. — Mas ainda nenhum ganhou ao Paul.

Alice arrancou um dente de leão e fixou a flor. Quando entrou na faculdade, conheceu um homem que frequentava o café do outro lado da rua — um a que ela sempre foi com frequência. Começaram por falar casualmente sobre o sabor do *croissant* e acabaram com os números trocados. Durante as semanas seguintes, levou-a ao cinema, jantaram juntos e passearam ocasionalmente no parque. Ele sorria de tal forma que Alice começou a derreter sempre que o fazia. Não se importava se Paul tinha linhas de expressão da idade ou se a barba continha pontos brancos; interessava-lhe o modo como se aproximava e a fazia sentir.

Desde o início, sabiam a diferença mais impactante: ela era uma mera estudante com dezoito anos; ele, um homem de trinta e cinco anos, que trabalhava numa empresa de uma marca de cremes, a *BelleCrème*. Ao fim de seis meses, Alice viu como a distância aumentava, como lhe tocava de forma diferente, e os problemas de se verem em público a desabrochar. Paul acabou por admitir que, apesar de gostar bastante dela, como era mais nova, destabilizava a relação. Acabaram e ela chorou, pela primeira vez, a perda de um amor.

Suspirou com as memórias. Era ingénua e idiota. Ele só a queria para sexo, independentemente das razões.

— Espero quebrar esse recorde. — Olhou em volta. — Onde é que a Sarah foi?

— Foi ter com o seu novo *amigo*. — Oliver sorriu maliciosamente.

— Achas que eles namoram? — perguntou Alice, baixo e junto ao ouvido dele.

— Ainda não, mas ela parece caidinha.

— Não é? Viste a forma como falou dele?

— A quem o dizes. Vocês, mulheres, são tão lamechas —  
gracejou Oliver.

Soprou o dente de leão na direção do melhor amigo, fazendo-o encolher-se.

— Quando te apaixonares, falamos.

Alice espreitou para o claustro da universidade. Pelas grades, viu o cabelo encaracolado e dourado de Sarah. Esticou o pescoço e espreitou para quem a acompanhava: um rapaz alto e de ombros largos. Pelo pouco espaço existente entre os ferros, viu a barba espreitar no queixo e os lábios cheios a desenharem um sorriso fechado. Percebeu a concentração dele, só e apenas em Sarah. Não devia ser sempre assim?

No entanto, existia algo nele. Talvez fosse a novidade, mas Alice conhecia-se o suficiente para saber que se tratava apenas de uma desculpa. O impacto da presença dele foi o suficiente para a chamar à atenção, tê-la retida somente no desconhecido. Percorreu o corpo, o que era visível, atentando as roupas bem escolhidas para a estrutura dele. Transparecia uma postura mais confiante, repleto de calças de alfaiataria beges e camisa branca.

Ele fletiu os braços ao meter as mãos dentro dos bolsos. O movimento desvendou os músculos dos braços.

E aquela camisa... era *extremamente* justa.

*Merda.*

O peito de Alice moveu-se quando uma gargalhada saiu daquele rapaz atraente. O perfil da face mostrava a descontração da conversa e algo que ela, no fundo, sempre desejou: carinho. Deu por si a querer ser ela ali, a fazê-lo rir daquela maneira. Queria passar a mão pela camisa suave, sentir a pele quente debaixo do toque...

*Não.*

Não podia interessar-se por ele. Era o dono dos suspiros da amiga. Havia bem mais homens no mundo.

Os olhos dele desviaram-se para Alice, como se soubesse qual era o foco. Não ia deixar de o fitar. Não ia perder a oportunidade de apreciar durante mais um segundo aquele pedaço do céu.

Mas foi quando ele sorriu que o seu pensamento ficou turvo e o estômago revirou.

*Oh, foda-se.*



## CAPÍTULO 2

### DESAPEGOS

— **VAMOS** acabar com isto, Hugo.

Alice mexeu o café com natas, sem conseguir encará-lo. Hugo continuava quieto, as últimas palavras cheias de súplicas perdidas com apenas uma frase. Há dias que ela queria proferi-las, já estava mais do que na hora. Não precisava de estar sempre perto de alguém, essa fase terminou quando Paul saiu da sua vida.

— Vamos falar sobre isto, fofinha.

Como detestava que ele a tratasse com aquele nome. Tinha tudo para ser o mais *cliché* que já ouviu. E Alice adorava um bom *cliché* — não aquela espécie de vômito.

— Não quero continuar. Estás a ser insistente. — Fitou-o, finalmente.

— Não tenho mais nada a acrescentar.

— Estou a começar a gostar realmente de ti. — Esticou a mão, o *por favor* retido nos olhos castanhos cobertos de mágoa.

Se era verdadeira, Alice não fazia ideia. Porém, já tinha tido a sua quota de conversas daquele género. Era sempre o mesmo: suplicar apenas para ter umas pernas abertas.

— *Eu amo-te. Não me podes deixar assim.*

— *Estou disposto a ter uma relação séria pela primeira vez. Acho que és a mulher da minha vida.*

— *Apaixonei-me. Estás a partir-me o coração.*

— *Os teus olhos têm o tom verde mais bonito que já vi.*

Porque é que os homens se davam a tanto trabalho para ter sexo? Porque mentiam às mulheres, querendo os corações em troca de orgasmos?

Alice lançou o cabelo pelo ombro e empinou o nariz. Bebeu o resto do café e levantou-se, deixando as moedas em cima da mesa. Hugo espreitou-a, a boca aberta, sem proferir uma única palavra. Os últimos raios de sol

reluziram no cabelo loiro rebuliço, a pele morena a brilhar. Podia ter sido uma boa aposta, dado que, apesar de um ano mais novo que ela, ser bastante atraente. Mas isso não chegava. A chama desaparecera.

— Vemo-nos por aí, Hugo. Foi bom enquanto durou.

No preciso momento em que ele também se levantou para a impedir, o telemóvel dela tocou. Olhou para o ecrã e viu a chamada de Sarah aparecer. Atendeu e deixou a antiga companhia petrificada, sem uma única palavra a adicionar à conversa.

Assim que saiu da porta, viu o carro do melhor amigo estacionado alguns metros ao fundo.

— Raios, vocês salvaram-me de uma cena. Se tivesse outra discussão dentro daquele café, acredito que a gerente viria falar comigo. — Abateu-se no banco traseiro do *Mercedes*.

— Eu não acredito que aceitei fazer isto. — Oliver abanou a cabeça, ligando o carro.

— Ele chorou? — Sarah virou-se, entre os bancos.

— Achas? Não tem assim tanto para dar quanto isso. — Riu-se. — Já me livrei deste, felizmente.

— Porque é que é assim tão complicado terminar? — questionou a amiga.

Alice encontrou a atenção de Oliver pelo espelho retrovisor. Já tinham tido aquela conversa, bem antes de Sarah ser próxima deles. Existia algo desconfortável em ter a última palavra no fim de uma relação. A responsabilidade e culpa advindas eram um peso que Alice não gostava de carregar. Qualquer um que ocupasse o seu coração, teria de ser o certo. Tal não invalidava a dificuldade de dizer adeus.

— Ficas a ser a má, a pessoa que quis aquele término. Não é lá grande coisa veres o outro chorar e implorar-te para mudares os teus sentimentos — respondeu Oliver.

Sarah abriu a boca, espantada, virando-se para a frente.

— Já partiste um coração?

Oliver passou a mão pelo pescoço, o rosto visivelmente descontraído, mas o gesto demasiado familiar para Alice.

— Quem nunca? — disse ela, encolhendo os ombros.

— Eu não — admitiu Sarah. — Acho que é a primeira vez que estou a um passo de ter uma relação séria.

— Nunca? — espantou-se Alice.

Ela abanou a cabeça.

— Nem todos se apaixonam facilmente, Ali — resfolegou Oliver. — Cada um tem as suas barreiras, os pontos atingíveis pela maioria, mas outros a que poucos chegam.

Alice atentou-o, chegando-se mais perto entre os bancos.

— O que é que ele bebeu? — perguntou Sarah.

Ela encolheu os ombros.

— Sabes como são os artistas.

Apesar de ser uma mera brincadeira, acentuada pelos risos, algo ecoava no peito de Alice. Uma dor antiga, um sentido para as palavras do melhor amigo, que nem ele fazia ideia existir. Eram muitas barreiras. Não fazia ideia se alguma vez iria deixar alguém chegar longe o suficiente para conhecê-la na íntegra. Existiam demasiadas peças soltas, muitos caminhos não percorridos. E isso era o que mais a assustava.



O bar estava tão cheio que até Alice, amante de festas recheadas de pessoas, ficou numa posição desconfortável. Não se conseguia mexer, nem encontrava os dois amigos. A mesa deles decerto era por ali, mas as bebidas estavam tão cheias, as pessoas tão despreocupadas, que os encontrões pelo caminho levaram a copos quase vazios. Assim que os avistou, acelerou o passo.

— Aviso já, as próximas, vais tu buscar. — Fitou o melhor amigo, irritada. — És mais alto, homem e de certeza que se sorrises às miúdas, elas derretem tão rápido que saem do caminho.

Oliver corou e Sarah deu-lhe um encontrão.

— Não precisas de ficar assim! — disse ela.

— Mesmo que eu não estivesse interessado em alguém, a Ali arranjará qualquer coisa para o menu. — Revirou os olhos.

Alice pousou as bebidas e sentou-se no banco, diante deles, numa mesa redonda.

— Tenho que manter a carreira antiga.

— As tuas amigas fantasma também o acham? — Oliver bebericou a sua bebida.

— Interessado nelas? — Sorriu maliciosamente.

— A verdade é que nunca as trouxeste para sair connosco. — Sarah abanou a cabeça e agarrou no telemóvel.

Alice assentiu.

— Eventualmente.

A conversa acabou por se desenrolar noutra sentida, ligada à faculdade. Cansados dos mesmos temas, acabaram por se embrenhar na multidão, dançando animadamente. Sarah, pouco depois, sentou-se e ficou agarrada ao telemóvel, ao passo que os amigos permaneceram na pista. Alice notou uma certa inquietação em Oliver, a atenção a focar-se com frequência noutra ponto do bar. Puxando-o até lá, juntaram-se a alguns desconhecidos, inclusive, a rapariga que despertou o especial interesse do melhor amigo, acabando por seguir algumas coreografias de músicas conhecidas. Alice resguardou-se, deixando-o desinibir-se o suficiente para vislumbrar o que acontecia de longe. O suficiente para ver os olhos avelã brilhar, o sorriso aumentar e a sua presença esquecida. Decidiu se sentar junto de Sarah.

Porém, ao contrário dela, os amigos estavam a criar as suas Eras românticas, a dar os passos que todos achavam que Alice seria a primeira a fazer. Já ela, não acreditava tanto nisso. Queria, sempre o quis, mas não forçava. O coração era fraco, sabia disso todas as vezes que se lembrava da quantidade de rapazes que gostou. Ainda que tenha sido ela a terminar a maior parte das relações, ficou muitas vezes destroçada.

Atentou a amiga, com um sorriso derretido para o telemóvel, um caracol loiro a brincar no indicador. Estava longe, provavelmente a falar com o rapaz.

E, pela primeira vez em algum tempo, Alice sentiu-se isolada e distante.



## CAPÍTULO 3

### O DESTINO E AS BRINCADEIRAS DE MAU GOSTO

**O TELEMÓVEL** tocou uma, duas, três vezes e Alice continuou a conduzir até à faculdade. De certeza que era Oliver a perguntar por si, ou então, as mensagens insistentes de Hugo, a pedir uma oportunidade. Nem sequer sabia qual das opções seria pior.

Oliver funcionava como um irmão mais velho, alguém sempre presente para a puxar à realidade. Desde que se conheceram, no primeiro ano de faculdade, a conexão foi instantânea. Claro está, as pessoas não deixaram escapar os boatos, mas tudo se voltou noutra direção quando ela começou a namorar com Paul. Não se importava com nada daquilo, tampouco o que pensavam a seu respeito. Era dona de si e com coisas mais importantes para fazer do que prestar atenção ao que os outros pensavam. Namorava com quem quisesse, ia para a cama com quem desejasse e agia conforme o que achava melhor.

Por outro lado, Oliver era mais recatado e envergonhado. Eram perfeitos um para o outro: ele era pontual, calado, com as melhores notas da turma e nunca se apaixonou. Já Alice estava sempre atrasada, era estridente, estudava que se fartava para chegar a notas sólidas e perdia-se em amores quase todos os anos. Muitas vezes, desenhavam discussões e picavam-se tal qual irmãos. Alice gostava disso. Era algo a que nunca teve direito. E aquele ponto era o único em comum: serem filhos únicos.

Estacionou o carro e agarrou no telemóvel que teimava em tocar. Qual não foi o seu espanto ao ver que era o melhor amigo.

— Será possível, Ali? — censurou a voz do outro lado, assim que atendeu.

Enquanto ele não lhe chamasse Alice, ainda estava em terreno seguro.

— Desculpa — choramingou. — *Prometo* que estou a chegar.

Assim que estacionou o carro, andou o mais rápido que os saltos permitiam. Olhou para a enorme universidade que se erguia ao seu lado, especialmente as grades que dificultavam a passagem para o interior.

Um rapaz passou por si e Alice fitou-o pelo canto do olho. Parecia *aquele* rapaz.

Aquele com quem a amiga namorava.

*Flashes* de um sorriso iluminado e um corpo largo surgiram na sua mente. Tal como acontecia nas últimas semanas. Necessitava de arranjar uma forma de deixar de pensar nele. Estava a dar em louca de todas as vezes que sonhou com ele ou que inundou os seus pensamentos.

As vezes em que o viu após aquele momento, o rapaz vinha ver Sarah. Nunca mais olhou na direção de Alice e, só por isso, era um sinal divino. Também evitava olhar para ele. Tinha de se afastar, esquecê-lo e criar espaço para outros homens.

*Mas, caramba... Ele olhou para mim.*

Aquele foi o grande problema. Se ele não tivesse olhado para ela, Alice não teria sentido aquelas coisas estranhas. Se ele não tivesse sorrido... Ela não teria ficado a pensar nele mais do que devia. Era uma péssima amiga, ainda mais por Sarah estar visivelmente apaixonada. O que podia fazer? Não fez por mal, não se interessou porque queria, nem sentiu cócegas no estômago porque lhe apetecia. Independentemente das razões, ele não lhe pertencia.

O corpo de Alice tombou, a mala caiu em cima dela e a pasta a alguns centímetros. Praguejou baixo e rastejou até aos pertences espalhados, juntando-os ao peito com força.

— Estás bem? — Uma voz masculina e forte fez-se soar, ecoando por todo o corpo dela. Estavam na rua, era impossível ter sido tão alto assim.

Arrepiou-se. Fitou a mão esticada à sua frente e o sol batia nas costas da figura que se estendia. Aceitou-a e o calor do corpo dele estendeu-se a ela.

*Que confortável.*

Ao levantar-se, conteve um guincho ao ver, mesmo diante de si, *aquele* rapaz. O da sua amiga. Sentiu o corpo petrificar e o coração acelerar.

Ele era ainda mais bonito ao perto. Com uns bons vinte centímetros a mais, ombros tão largos que pareciam uma muralha, aconchegado em *imensos* músculos. A barba rala no queixo, as maçãs do rosto firmes e o cabelo muito curto. Os olhos dele, mesmo que não fossem grandes,

possuíam um tom caramelo brilhante, quase como mel diluído. A mera presença puxava-a para a órbita dele.

Perdida no devaneio, nem percebeu como a encarava atentamente, a tentar dizer-lhe alguma coisa.

— Estás bem? — insistiu.

— Eu? O quê? — Alice piscou os olhos. — Sim. — Olhou para a junção das mãos e retirou-a logo. — Estou com pressa. Obrigada.

Ele ficou intrigado, uma sensação estranhamente familiar naquela mulher.

— Espera. — Deteve-a. — Como te chamas?

Ela espreitou sobre o ombro.

— Alice. — Tencionou voltar à marcha, mas parou e fitou-o com mais atenção. — E tu?

O rapaz sorriu.

— Marcus.

*Aquele sorriso.* Aquela volta ao estômago novamente.

Alice devolveu o ato e retomou a marcha, correndo em direção à porta principal do edifício, onde um Oliver rabugento a esperava. Correu o máximo que pôde para longe do campo magnético daquele ser humano.

Noutras circunstâncias não teria perdido tempo em pedir-lhe o número, ou, quem sabe, a planear a data do casamento. Naquela... tudo o que foi capaz de fazer foi fugir.



— Alice Pelletier, estás a ouvir-me? — Oliver pousou a cabeça sobre a mão, a expressão entediada.

Os olhos dela pousaram no café, o cansaço da semana a querer tomar conta de si. Nos últimos dias sentia-se desgastada pelas horas de estudo, devido aos exames à porta.

— Estou muito cansada, desculpa. — Alice passou as mãos pela cara. Oliver perscrutou-lhe o rosto.

— Tens andado muito distraída hoje. Alguma coisa te incomoda?

Ela optou por esconder os pensamentos sobre um certo homem ter ido contra si no dia anterior. A mão ainda fervia do resquício da presença dele.

— Tenho estudado imenso e o Hugo não me larga. Já estive mais longe de bloquear o número.

— Tu tens uma pontaria dos Diabos com os homens que escolhes —  
soltou, brincando com a colher do *macchiato* de caramelo.

— Vá, conta-me lá. Aquela rapariga do outro dia? Vais pedir-lhe o número? — Ela sorriu maliciosamente, tentando desviar o assunto.

— Provavelmente não. — Ele encolheu os ombros e desviou a atenção para a rua.

*Apanhei-te, Oliver Disrosier.*

— Como não? Eu vi como olhaste para ela. Vi como *querias* que ela posasse para ti.

Oliver apenas abanou a cabeça, aparentemente desinteressado. Porém, Alice sabia como ele era um fotógrafo incrível. Apesar de entrar para o mundo da medicina, a sua verdadeira paixão estava em fotografar. Eles davam-se bem também pela visão artística do mundo. Ver um cenário completamente diferente no céu de um dia banal, numa árvore de formato diferente, até em pessoas por quem se interessavam. Por isso, ela sabia quando Oliver queria alguém: a expressão de concentração, roendo a unha enquanto imaginava cenários onde a pessoa pudesse posar.

— Sabes perfeitamente que as coisas não funcionam assim. — O melhor amigo remexeu-se.

— A questão é essa, Oli. As coisas funcionam assim mesmo. Vocês já falam ocasionalmente, porquê continuar a adiar?

— Não sejas casamenteira — resmungou.

A porta do café rugeu e passos pesados ecoaram no soalho de madeira. Alice sentiu formigueiro no pescoço e decidiu não se virar. O ambiente estava coberto de uma névoa de eletricidade, algo que crepitava no seu peito. Pelo andar, sabia que não era Hugo, Paul ou outro dos ex-namorados, por isso, quem podia ser?

— Boa tarde. É um bolo destes, por favor. — A voz grossa e firme de Marcus propagou-se.

Alice agarrou firmemente na chávena de café e manteve os olhos fixos naquele ponto. O corpo despertou, a sensação estranha que dançava no estômago continuava a deixá-la desconfortável. Olhou-o de soslaio para ter a certeza.

*Ó, deuses, porque é que ele está aqui?*

Com receio de que lhe voltasse a falar, desviou a atenção para Oliver. No entanto, o amigo fitava-a, curioso, pelo que decidiu focar-se na bebida.

Os passos ecoaram novamente, até desaparecer algures numa mesa distante. Será que todos ouviam, ou seria só ela? Como é que ele era capaz de mexer assim consigo? Queria acabar com aquilo de uma vez por todas.

— O que está a acontecer? — O melhor amigo aproximou-se por cima da mesa.

— Não sei do que falas.

— Sabes ao que me refiro. — Oliver atentou momentaneamente o rapaz sentado a umas mesas de distância. — Tu estás interessada no rapaz da Sarah?

— Não — respondeu de imediato.

— Estás a brincar comigo? — chocou-se.

— Oli...

— Como disse, tens uma pontaria incrível. — Riu-se, fazendo os caracóis tremerem.

A culpa criou uma mancha negra no coração dela.

— Eu não queria. — Suspirou.

A campainha da porta voltou a tocar e, daquela vez, Alice olhou sobre o ombro. Era Sarah, a dirigir-se para junto da companhia, com um sorriso rasgado. Que ideia terrível estar de costas. Assim não podia ver o que estava a acontecer.

— Não faças essa cara — avisou Oliver.

— Ajuda-me. Diz-me o que vês. — Agarrou no braço dele por cima da mesa.

O melhor amigo viu a urgência e a curiosidade. Suspirou profundamente e focou-se no casal. À medida que as coisas iam acontecendo, Alice ficava a par de cada movimento.

A conversa era descontraída, com alguns olhares comprometedores. Lançaram em conjunto e riram como um casal. Especialmente Sarah, tentava sempre deixar a mão junto da dele, brincava com um caracol do cabelo e, em todos os momentos, um sorriso derretido ocupava os lábios pintados com *gloss*. A mesma postura que tinha todas as vezes que falava do novo romance.

Com o avançar da conversa, Oliver apercebeu-se dos recuos do rapaz. Alguma coisa não batia certo... Estava diferente desde a última vez que o viu com a amiga, dois dias antes. Ainda assim, percebendo tudo isso àquela distância, Sarah parecia completamente alheia, falando pelos dois, focada na forma como Marcus comia o bolo que dividiam.

Foi então que, no meio de uma troca de palavras aparentemente descontraída, Sarah calou-se e permaneceu muito quieta. Os dedos largaram o cabelo, parando em cima da mesa. Uma pequena discussão acendeu-se, a injustiça espelhada em cada centímetro das sobrelhas unidas e da tensão nos ombros de Sarah. Pouco depois, Marcus conseguiu acalmar os ânimos e saiu para pagar a conta. Passou pela mesa, uma última vez, para lhe dizer algo, e foi-se embora. Ao contrário da descontração do rapaz, Sarah ficou muito quieta, a encarar a mesa.

Durante todo aquele processo, Alice permaneceu quieta, atenta a qualquer progresso que Oliver lhe dissesse. Parecia sádico querer saber o que a amiga fazia com Marcus, porém, sabia que era uma forma digna de começar a criar o desinteresse. Precisava de largar aquele vício estúpido. Sarah merecia ser feliz, dar asas aos sorrisos cheios de felicidade e amor, criar uma relação com alguém que, até então, fora descrita como tão dentro daquele conto de fadas como ela. Alice sabia o quanto os homens eram capazes de espezinhar as esperanças, por isso, não ficou muito admirada ao ver a mudança rápida, ao fim de poucas semanas de meros amantes. Começou a traçar uma personalidade para Marcus, dada a forma como estava a partir o coração à amiga.

Ou, pelo menos, esse era o objetivo.

— Então? — insistiu Alice.

— Acho... que eles acabaram — afirmou Oliver, preocupado.

E, mais uma vez, o destino estava a pregar-lhe uma partida, a meter mais um homem no seu caminho. O *ex* de uma amiga. O homem mais atraente que ela já conheceu.

O ar reteve-se nos pulmões. Ali estava a luz verde. A pior possibilidade, a única que ela nunca quis ter.

Ou queria?